

SOCIEDADE
HISTÓRICA
DA
INDEPENDÊNCIA
DE PORTUGAL

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1983

E

PARECER DO CONSELHO FISCAL

31 DE DEZEMBRO DE 1983

SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

CORPOS SOCIAIS DE 1983

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	— Engenheiro Manuel Aboim Ascensão de Sande Lemos
Vice-Presidente	— Engenheiro Carlos Fernando Pinto Basto de Morais (Visconde de Mira-Vouga)
Vice-Presidente	— Professor Doutor D. Pedro da Cunha Mendonça e Meneses (Marquês de Olhão)
Secretário	— Dr. António Aboim Ascensão de Sande Lemos
Secretário	— Capitão António Joaquim Ramos
Vice-Secretário	— D. Maria Antónia de Oliveira Martins de Mesquita
Vice-Secretário	— Jorge Maria d'Orey da Cunha Santiago

DIRECÇÃO

Presidente	— Dr. Carlos Ayala Vieira da Rocha
Vice-Presidente	— General Tomás José Basto Machado
Vice-Presidente	— Capitão de Mar e Guerra Vasco António Martins Rodrigues
Secretário-Geral	— Dr. José de Magalhães Valle de Figueiredo
Tesoureiro	— Engenheiro D. Nuno de Castello Branco
Dir. Bibliotecário	— Dr. José Luís Esteves da Fonseca
Dir. dos Museus	— Arquitecto José Manuel de Castro Galhardo Soares Zilhão
Vogal	— Brigadeiro João de Deus Mendes Quintela
Vogal	— António José Chrystêllo Tavares

CONSELHO FISCAL

Presidente	— D. Salvador Vaz d'Almada
Secretário	— Dr. António Miguel de Lacerda Homem de Melo
Relator	— Manuel d'Orey Vieira da Rocha

SECÇÕES DE ESTUDO

Secção Histórico-Geográfica	— Prof. Doutor Jorge Borges de Macedo
	— General Frederico Alcide de Oliveira
	— Carlos Pereira Callixto
Secção Artístico-Arqueológica	— Eng.º Carlos Fernando Pinto Basto de Morais (Visconde de Mira-Vouga)
	— Arquitecto Jorge Monteiro Varela Pinto
	— Professora D. Maria Germana Tânger Corrêa

RELATÓRIO E CONTAS

Cumprindo-se os preceitos estatutários vem a Direcção da S. H. I. P. prestar contas do seu mandato durante 1983.

1 — BREVE NOTÍCIA SOBRE A HISTÓRIA DA SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL (S. H. I. P.)

Tem sido permanente desejo da Sociedade a recuperação das instalações do Palácio da Independência para ali poder desenvolver a sua actividade em mais larga escala. Com efeito, foi sempre desejo dos elementos dirigentes da Sociedade, como aliás da sua antecessora, a Comissão Central do 1.º de Dezembro de 1640, dispor do antigo Palácio dos Condes de Almada. Logo no início das diligências para a formação da referida Comissão Central, ali se realizou, em 14 de Julho de 1861, a primeira sessão pública com uma assistência superior a duas mil pessoas. Em 1871, aquela comissão adquiriu o foro do Palácio. Em 1925, são feitas diligências para a aquisição do Palácio e lançada a ideia duma subscrição nacional a realizar no País e no Brasil e duma emissão de selos, ideias concretizadas em 1935. Foi como resultado do entusiasmo que a ideia teve no Brasil que a aquisição acabou por se conseguir em 1940. O Decreto-Lei então publicado diz «...autorizada a fazenda pública a adquirir para a Colónia Portuguesa do Brasil, a fim de o doar ao Estado, o Palácio de Almada tão ligado à história da Restauração, para nele serem instalados como no mais sugestivo ambiente... o Museu da Restauração e a Sociedade Histórica da Independência de Portugal». Foi, por esta legislação, que o edifício passou a ser designado por Palácio da Independência.

Quando, em 5 de Janeiro de 1942, na Direcção-Geral da

Fazenda Pública, se lavrou um «Auto de Cessão» das instalações do Palácio à S. H. I. P., foram-lhe atribuídas, além das quatro salas que presentemente ocupa, mais o Salão Nobre e as salas anexas, ou seja, o salão, mais quatro salas e todo o corredor de acesso ao salão.

Não admira, portanto, que face a uma situação bem definida em lei, a actual Direcção continue trabalhando no mesmo sentido que as Direcções que a precederam. Ao tratarmos deste assunto, pugnamos por um direito que julgamos justo mas, ao mesmo tempo, temos sempre declarado, como fizemos numa entrevista que decorreu em fins de 1983 na Radiodifusão Portuguesa, que não desejamos que a Associação dos Deficientes das Forças Armadas seja pura e simplesmente desalojada, mas sim que lhe sejam proporcionadas outras instalações mais consentâneas com as necessidades dos seus associados, não só como associação em si própria, mas que possibilitem uma apropriada recuperação dos associados que dela necessitem. Esta tem sido nos últimos anos a política da Direcção da S. H. I. P. e não podemos ser responsáveis por atitudes que possam ter existido de pessoas estranhas à mesma. Achamos, de resto, que o problema deve ser resolvido pelas Entidades Oficiais competentes e não pela Direcção da S. H. I. P. que, se por um lado se vê apertada nas suas actividades em instalações acanhadas, por outro lado acha que a solução não está dentro da sua área. Mas, mesmo assim, numa reunião na Direcção-Geral do Património, solicitada pela SHIP, sugeriu-se, como solução, que a A. D. F. A. transitasse, caso os interessados concordassem, para o Lar Militar da Cruz Vermelha, sito no Lumiar. Está este Lar em terrenos próprios doados pela C. M. L., e o edifício, móveis e equipamentos constituiram encargo da Calouste Gulbenkian. Foi criado por despacho da Presidência do Conselho de 22.8.1964 e existe um auto de entrega à Cruz Vermelha Portuguesa.

As instalações são bastante boas e bem conservadas conforme tivemos ocasião de observar durante uma visita aquele

estabelecimento, onde fomos amavelmente acompanhados pelo Sr. Augusto Bobela da Mota, Secretário Nacional de Reabilitação e recebidos pelo Sr. Coronel Amílcar Monteiro que, abnegadamente, dirige o Lar. Como a Cruz Vermelha Portuguesa se encontra disposta a entregar o Lar Militar a quem as Entidades Oficiais competentes designarem, está na mão das citadas entidades dialogarem com a Associação dos Deficientes das Forças Armadas para verem se essa solução seria possível a contento de ambas as partes. Esta é a atitude e os considerandos que a actual Direcção julga útil e oportuno fazer sobre este assunto.

2 — GESTÃO DE 1983

A) — Julgamos que é de salientar a aprovação do novo Estatuto em Assembleia Geral de 31 de Maio de 1983. Documento importante que passa a reger a vida da S. H. I. P., ficou-se a dever a sua elaboração aos Srs. Engenheiro Manuel de Sande Lemos, General Tomás José Basto Machado, Capitão de Mar e Guerra Vasco Martins Rodrigues e à colaboração de outros associados dos quais destacamos os Srs. Prof. Cunha Rosa e Engenheiro Agostinho Ferreira Cambetta.

Pode, porém, acrescentar-se que para a sua estruturação tivemos a ajuda de numerosos sócios, o que registamos com muito agrado. Como inovação principal — além da constituição de comissões de estudo e grupos de trabalho (órgãos centrais de execução) — há a salientar a criação do Conselho Supremo que será constituído por 40 sócios honorários, de mérito e efectivos que, possuindo alta categoria moral e intelectual, hajam manifestado prolongada dedicação pela S. H. I. P. e lhe tenham prestado assinalados serviços. Deverão ser eleitos pela assembleia geral, sobre proposta da direcção central.

B) — Durante o ano procurámos incrementar o número

dos nossos associados que passou de 50 em 1977 para perto de 600 em 1983 conforme se verifica pelo quadro seguinte:

Data	N.º de Sócios existentes	Acréscimo no ano
1977	50	—
1978	93	43
1979	109	16
1980	141	32
1981	251	114
1982	430	179
1983	595	165

Continuamos a luta para chegarmos rapidamente aos mil associados, número mínimo indispensável para garantir a sobrevivência da SHIP, dentro duma certa dignidade.

C) — Por nos parecer oportuno repetimos as palavras escritas no relatório do ano findo:

«A crise que, sob numerosos aspectos, atinge profundamente a vida dos portugueses, fá-los sentir cada vez mais a necessidade imperativa de se unirem, congregando esforços e boas vontades para rebustecerem a sua capacidade de enfrentar corajosamente — e de combater com decisão — as dificuldades que constantemente se agravam. Deste modo, é natural que os seus olhos se voltem, com esperança, para a nossa Sociedade, que tem como objectivo primeiro o de estimular o patriotismo e defender, a todo o transe, os legítimos direitos e interesses da Nação e não se correrá o risco de exagero ao afirmar que a SHIP deve ser considerada como depositária privilegiada do espírito da Restauração. Por isso confiamos em que um número cada vez maior de bons portugueses continuará a corresponder ao convite, que daqui lhes dirigimos, para que se tornem membros activos da nossa Sociedade. Ninguém poderá esquecer ter sido o sentido unânime do Povo Português

que proporcionou a arrancada de 1640 e a recuperação fulgurante da independência perdida durante sessenta anos.»

Palavras escritas pelo Sr. Capitão de Mar e Guerra Vasco Martins Rodrigues, Vice-Presidente da nossa Sociedade que, em Outubro de 1983, de repente, brutalmente, nos deixou para sempre. Foi uma perda irreparável para a S. H. I. P. que muito esperava das suas qualidades, inteligência, trabalho e inexcedível patriotismo. Aluno brilhante do Colégio Militar e da Escola Naval, — n.º 1 em todos os cursos que frequentou, Governador da Guiné, Secretário Geral de Moçambique, Governador do Distrito de Lourenço Marques, Adido Naval em Washington, viu-se imerecidamente afastado de uma maneira inexplicável das estrelas de almirante que bem merecera. Também a nossa Revista Independência, na nova fase, muito deve ao entusiasmo que lhe dedicou. Neste relatório, a Direcção da SHIP expressa o mais fundo pesar pela perda do nosso companheiro de trabalho e aqui fica prestada uma singela homenagem enquanto outra mais condigna se não realize e que lhe será prestada na primeira oportunidade.

3 — Indicamos, por ordem da sua entrada para a S. H. I. P. os que, com mágoa, vimos partir para sempre:

General José Augusto Monteiro do Amaral, Francisco de Albuquerque Sá Nogueira (Marquês de Sá da Bandeira), General Raul Martinho, Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte Real Amaral, Engenheiro Inácio de Barros Teixeira da Mota, Capitão de Mar e Guerra Vasco António Martins Rodrigues, General Tristão da Cunha Caldeira Carvalhaes, Engenheiro Vasco de Paiva Baltasar Brites, Dr. Alexandre Coelho, Dr.ª D. Arminda do Carmo de Almeida Gomes Barbosa, João Elvino de Almeida Gomes Barbosa, General Albertino Carlos Montenegro Ferreira Margarido e Dr. José Nedinha.

Registou-se a saída de nove sócios, a seu pedido.

4 — ASPECTOS CULTURAIS

O ciclo de conferências foi iniciado em Março pelo Sr. Al-

mirante António Horta Galvão d'Almeida Brandão, que versou o tema: «O Colégio Militar e a Marinha, Oficiais ex-alunos e o seu contributo à Nação».

No final do mesmo mês, o Sr. Dr. Fernando Ferreira, assessor da Presidência do Conselho de Ministros (I. N. E. C. O. O. P.), falou sobre «O Pensamento Cooperativo de António Sérgio» e, em Maio, o Sr. Dr. Gualter Cardoso fez uma conferência intitulada «Um perfil de Júlio Dantas».

Integrados nas comemorações do 1.º de Dezembro, a 30 de Novembro, o Sr. Prof. Doutor Veríssimo Serrão pronunciou exaltantes palavras sobre «A Restauração de 1640 — Uma Lição da História», tema que foi abordado com muito brilho e acendrado patriotismo.

Dentro das actividades culturais da S. H. I. P., e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, houve, a 23 de Novembro, um concerto pela Orquestra Juvenil de Instrumentos de Arco da Fundação Musical dos Amigos das Crianças.

Estava previsto uma visita ao Museu do Ar e às Oficinas Gerais do Material Aeronáutico, em Alverca, mas as inundações obrigaram a alterar este programa que esperamos se realize em 1984.

E — REVISTA INDEPENDÊNCIA

A publicação em Junho e Dezembro de 1983 dos n.ºs 1 e 2 (3.ª Série) da Revista Independência constituiu um enorme esforço financeiro que só foi possível realizar graças ao apoio que nos deu a Fundação Gulbenkian e aqui expressamos os nossos profundos agradecimentos ao grande Amigo da Sociedade Histórica da Independência de Portugal que tem sido o Sr. Dr. Azeredo Perdigão. Esperamos que um aumento de assinantes e de publicidade permita, de futuro, a Revista viver pelos seus próprios meios e ter uma vida assegurada.

Está pois na mão dos nossos associados a sua vivência e ficam com a grande responsabilidade de, não a apoiando, vir

a desaparecer o nosso órgão de comunicação e de transmissão dos nossos ideais. Dois nomes queremos salientar os quais — pelo seu esforço — tornaram possível a saída da Revista nos moldes actuais: o Sr. Capitão de Mar e Guerra Vasco Martins Rodrigues que, para sempre, nos deixou e o Sr. Dr. José Valle de Figueiredo, director desta nossa publicação. O primeiro nunca será esquecido dos que o conheceram e ao segundo aqui deixamos expresso o nosso louvor pela maneira como se tem desempenhado do espinhoso cargo em que, em boa hora, foi investido.

5) F. — INSTITUTO DE FORMAÇÃO DOMINGOS SEQUEIRA

É uma associação cuja finalidade é a promoção a nível nacional e internacional da conservação, protecção, fomento, utilização e valorização do património cultural e natural de expressão portuguesa.

A SHIP é sócio fundador e colectivo desta instituição e está representado nos seus Corpos Gerentes pelos seus associados srs. Dr. Gualter Moutinho Cardoso, arquitecto Jorge Monteiro Varela Pinto e Dr. Carlos dos Santos Cardoso.

6 — ALA JUVENIL

A falta de espaço que temos no Palácio da Independência tem sido um dos factores impeditivos de mais adesões de gente nova. Dentro do espírito do novo Estatuto esperamos integrar os elementos da Ala Juvenil em todas as «Comissões e Grupos de Trabalho» nele previstos e que irão criando à medida das nossas possibilidades.

Tem-se feito todos os esforços para atrair a massa juvenil o que se tem obtido, embora lentamente. A sua actividade, porém, foi já significativa em 1983.

Das actividades e iniciativas da Ala Juvenil, julgamos ser de salientar:

— Organizações de duas conferências:

— uma, em 23 de Maio, na qual o Sr. Embaixador Dr. Alberto Franco Nogueira falou sobre «A crise de 1983 e a independência Nacional»;

— outra, em 16 de Novembro, pelo Prof. Doutor Adriano Moreira, em que foi abordado o tema «A Coesão e a Dissociação da Nação Portuguesa»;

— visitas guiadas, acompanhando o Grupo «Amigos de Lisboa», ao Palácio Pombeiro — sede da Embaixada da Itália, ao Teatro S. Carlos, à Igreja do Santíssimo Sacramento (do antigo Convento dos Paulistas) e ao Palácio Fronteira em Benfica.

— Organização das seguintes palestras:

— «A acção das Misericórdias Portuguesas», pelo Dr. José Valle de Figueiredo;

— «Símbolos da Pátria» pelo Dr. Francisco Simas de Azevedo;

— «Vocação e destino de Portugal» pelo Sr. Dr. Domingos Mascarenhas;

— Iniciação, em Abril, de um curso de História de Portugal, com 2 lições semanais e a duração de 2 meses, a cargo do Dr. António Marques Bessa, coadjuvado pelo Dr. Jaime Nogueira Pinto;

— Passagem de filmes e diapositivos sobre a «Fauna Selvagem e o seu habitat», e sobre a «viagem a Macau e China» do jornalista Armando de Aguiar o qual deu numerosas explicações e ainda sobre a «Grécia, Israel e Egipto» que foi seguida de palestra por Luís Manitto Torres.

A Ala Juvenil fechou as suas actividades em 1983, com um jantar, em Dezembro, na Cooperativa Militar.

7 — COMEMORAÇÃO DO 1.º DE DEZEMBRO

Além da conferência, já referida, no dia 30 de Novembro, proferida pelo Sr. Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão no salão nobre do Palácio da Independência, houve a 1 de Dezembro a habitual homenagem aos Heróis da Restauração realizada junto ao Monumento dos Restauradores onde foi, pela Câmara Municipal de Lisboa, armada uma tribuna.

Além do representante de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, estiveram presentes representantes dos Chefes do Estado Maior dos três ramos das Forças Armadas e os Directores ou seus representantes das Escolas, Academias e Institutos Militares e da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, os membros da Direcção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e numerosos sócios e convidados. O Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Eng.º Krus Abecassis, como nos anos anteriores, deu-nos a honra da sua presença. A colaboração e a ajuda daquela Câmara, muito contribuiram para o êxito desta comemoração, pelo que lhe apresentamos os nossos melhores agradecimentos. Na cerimónia tomaram parte deputações da Academia Militar, da Escola Naval, da Academia da Força Aérea, do Colégio Militar, do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército, do Instituto de Odivelas, a Banda do Exército e um destacamento do Batalhão dos Sapadores Bombeiros. A cerimónia foi iniciada com o hastear da Bandeira Nacional e da Restauração ao som dos respectivos hinos, executados pela Banda do Exército, ao mesmo tempo, o que se fazia ouvir o Coro Infantil da Casa Pia entoando os hinos Nacional e da Restauração. À Provedoria da Casa Pia de Lisboa os nossos agradecimentos pela sua importante contribuição à patriótica iniciativa, em especial ao Prof. Jaime Rodrigues da Silva (Barcarena), que brilhantemente dirigiu o coro.

No começo da cerimónia proferiram palavras alusivas, o Sr. Dr. Carlos Vieira da Rocha, Presidente da SHIP e o Sr. Krus Abecassis, Presidente da Câmara de Lisboa.

Houve, seguidamente, deposição de vários ramos de flores, terminando a cerimónia ao som do Hino Nacional de novo cantado pelo coro da Casa Pia, acompanhado pela numerosa assistência.

Às 12 horas realizou-se a Missa Solene — que se realiza desde 1641 — celebrada pelo Cónego José Bernardino Corrêa de Sá que proferiu algumas palavras alusivas à data. Durante a missa actuou o «Coral Stella Vitae». Presentes as entidades já mencionadas que haviam assistido à cerimónia dos Restauradores e ainda o Sr. Dom Duarte, Duque de Bragança.

A Radiotelevisão Portuguesa, a Radiodifusão Portuguesa, a Rádio Renascença e a maioria dos jornais fizeram desenvolvidas referências às cerimónias descritas.

Em Braga, o nosso dedicado Presidente da Delegação, Sr. Dr. Rafael de Barros Soeiro, organizou manifestações condignas das quais salientamos no dia 30 de Novembro, às 21.30 horas uma sessão solene, no salão Nobre da Câmara Municipal, presidida pelo Sr. Governador Civil e na qual foi proferida uma conferência pelo catedrático da Faculdade de Filosofia, Sr. Professor Doutor Amadeu Torres, intitulada «Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, no quarto centenário da morte do autor». Presentes os Comandos Militares, o Magnífico Reitor da Universidade Nova, o vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Braga e numerosa assistência. No dia 1.º de Dezembro, às 10 horas, realizou-se a cerimónia do hastear da Bandeira da Restauração na Torre de Menagem, sede da Delegação, com a presença de autoridades e muito povo. Às 11 horas houve solene Te Deum presidido por Sua Eminência o Arcebispo Primaz, com sermão congratulatório, confiado a Monsenhor Alberto Rocha.

Da Casa de Portugal, no Rio de Janeiro, recebemos amável ofício informando que haviam comemorado, como habitualmente, o 1.º de Dezembro de 1983 e que oportunamente enviariam notícia mais detalhada. Foi orador o Sr. Vitorino Almeida

Campos, conceituado escritor português há muito radicado no Brasil.

Transcrevemos a notícia publicada na Revista da Casa de Portugal, amavelmente enviada pelo Sr. António Feliciano Leão, Presidente da Casa de Portugal no Rio e dedicado amigo da SHIP, referente às cerimónias do 1.º de Dezembro de 1982:

«Tendo como um dos presentes a figura ilustre do Coronel José Mexia Heitor Júnior, representando a Sociedade Histórica da Independência de Portugal, sediada em Lisboa, a Casa de Portugal, que no Rio de Janeiro é delegada da referida instituição, levou a efeito, na manhã do dia 1.º de Dezembro, no salão nobre de sua sede à Rua do Bispo, uma solenidade comemorativa da grande data portuguesa.

Após as explicações do Director Cultural, Sr. Lupércio Bueno Dacerda que ao abrir os trabalhos em nome da Directoria da Casa realçou que a solenidade comemorativa da Restauração era realizada à noite, mas ultimamente vem sendo realizada pela manhã objectivando a maior presença dos alunos do Colégio Sagres, já que os oradores convidados proporcionavam valiosíssimas aulas de história. Mencionou os nomes de inúmeros oradores que empolgaram o auditório com suas monumentais aulas: «Muitos foram os grandes mestres que passaram por esta tribuna, penetrando fundo na história da Restauração da Independência de Portugal para conduzir livremente seu grandioso destino».

Em seguida cedeu a palavra ao director do Colégio Sagres, Prof. José Augusto Gonçalves, que esteve brilhante em sua palestra, lembrando que foram necessários mais de 28 anos para que Portugal consolidasse sua independência, dando ênfase especial ao evento da Restauração, que mais tarde possibilitou ao Brasil se desenvolver e também chegar a sua independência. Narrou factos históricos que aconteceram no Brasil, na mesma época, como a luta de Matias de Albuquerque, que expulsou holandeses, na célebre Batalha de Guararapes, em Pernambuco.

A solenidade foi encerrada pelo Presidente da Casa de Portugal, Comendador António Feliciano Leão, que agradeceu aos oradores e a presença de todos, associados e alunos, àquela solenidade que lembrava um acontecimento que «imortalizou na história um facto glorioso escrito por homens realmente seguidores da liberdade». Lembrou, ainda, aos alunos, que o povo português foi fundador de nações, nelas se enraizando, formando famílias e vivendo as emoções de suas alegrias e de suas tristezas, sempre com elevado espírito de solidariedade humana, ao fundar sociedades e instituições de benemerência em favor de todos.

Concluiu fazendo uma exaltação aos jovens alunos: que amassem cada vez mais o Brasil, como os portugueses amaram o seu Portugal.

8 — ADMINISTRAÇÃO — CONTAS

Apesar dos enormes encargos que nos trouxe a publicação da Revista Independência, a qual representa um valioso investimento, conseguiu-se ter um modesto resultado positivo. Também face ao vertiginoso aumento de número de sócios, o número de empregados passou de uma para três unidades tendo-se assim verificado neste sector um acréscimo de encargos de cerca de 143 contos em relação ao ano findo. Aproveitamos para agradecer ao Ministério da Defesa, Governo de Macau e ao Estado Maior General das Forças Armadas o valioso auxílio que nos prestaram.

Aqui lançamos um pedido aos nossos associados com quotas inferiores a 100$00 que as aumentem para aquele valor, como possível. A 31 de Dezembro haviam por cobrar 246 contos de quotas o que veio dificultar o nosso movimento de tesouraria.

Esperamos dos nossos associados uma boa compreensão, neste capítulo, para o ano de 1984, pois só com o esforço de todos poderemos levar avante e com êxito a nossa missão. Os

quadros, nas páginas que se seguem, dão uma ideia da situação financeira da S. H. I. P.

9 — PROPOSTA

O Conselho Fiscal acompanhou com o maior interesse a actividade da Direcção tendo-lhe prestado utilíssimo auxílio. Por isso se propõe à Assembleia Geral que aprove o voto de louvor que lhe é devido e que formulamos com vivo prazer ao encerrar este relatório.

Lisboa, 31 de Debembro de 1983.

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1983

ACTIVO

— DISPONÍVEL		
Caixa	8 332$90	
Depósitos à ordem	279 818$30	288 151$20
— CRÉDITOS A CURTO PRAZO		
Depósitos a prazo		347 000$00
Quotas e jóias em cobrança		246 125$00
— IMOBILIZAÇÕES		
Imobilizações Financeiras	241 000$00	
Imobilizações Corpóreas	30 750$00	
Imobilizações Incorpóreas	160 900$00	432 650$00
	TOTAL	1 313 926$20

PASSIVO

— SITUAÇÃO LÍQUIDA		
Resultados Transitados	970 252$10	
Exercício de 1982	334 014$80	1 304 266$90
Resultados Líquidos		
Resultados Cor. do Exercício		9 659$30
		1 313 926$20

CONTAS DA GERÊNCIA

	Débito	Crédito
Subsídios oficiais		242 450$00
Subsídios particulares		10 990$00
Juros de depósitos à ordem		446$80
Juros de depósitos a prazo		106 794$50
Juros de acções e obrigações		54 502$00
Quotizações e jóias		404 115$00
Revista Independência		112 695$00
Emblemas, Estatutos, Bilhetes de Iden.		62 300$00
Diplomas		21 000$00
Autocolantes		1 162$50
Diversos		5 700$50
Despesas gerais	1 092 497$00	
Saldo positivo	9 659$30	
	1 102 156$30	1 102 156$30

DESPESAS GERAIS

Pessoal	354 557$00
Encargos sociais	109 262$00
Telefones	34 494$00
Conservação e limpeza	6 741$00
Electricidade	6 851$00
Visitas e passeios de estudo	3 673$00
Conferências e concertos	24 926$40
Franquias postais	6 085$00
Artigos de expediente	21 947$50
Transportes, telegramas, etc.	53 186$50
Impressão do relatório e contas de 1982 ...	50 110$00
Impressão dos novos estatutos	58 591$00
Revista Independência, 3.ª série, n.º 1	254 535$00
Comemorações do 1.º de Dezembro de 1983	39 383$00
Diversos	68 154$60
TOTAL	1 092 497$00

REVISTA INDEPENDÊNCIA

	Débito	Crédito
Venda da Revista da II Série		9 455$00
Venda da Revista da III Série		30 500$00
Assinaturas da III Série		26 490$00
Publicidade do n.º 1 da III Série		46 250$00
Diversos	1 058$00	
Imp. da Revista n.º 1 - III Série	223 250$00	
Despesas Notariais	1 844$00	
Envelopes	15 690$00	
Franquias postais	12 693$00	
TOTAL	254 535$00	112 695$00
Saldo negativo		141 840$00

PARECER DO CONSELHO FISCAL

1. O Conselho Fiscal, que acompanhou assiduamente os trabalhos da Direcção durante o exercício de 1983, acaba de examinar atentamente o relatório e as contas por esta elaborados em relação ao mesmo exercício.

2. Estabeleceu, em consequência, as seguintes conclusões:

A) — A Direcção cumpriu de modo exemplar as obrigações estatutárias, alcançando para a Sociedade e para os seus membros dignidade e prestígio que se vem acentuando de ano para ano;

B) — Manteve-se o aumento da massa associativa;

C) — A administração financeira foi verdadeiramente eficaz, apesar dos pesados encargos financeiros que representa a publicação da Revista Independência.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1983.

O Conselho Fiscal

SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

CORPOS SOCIAIS PROPOSTOS PARA 1984

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	— Eng.º Carlos Fernando Pinto Basto de Morais
Vice-Presidente	— Almirante António Horta Galvão de Almeida Brandão
	— Dr. José Manuel Marques Palmeirim
Secretários	— D. Nuno de Castello-Branco
	— Eduardo Guedes Quinhones da Silva Pereira
Vice-Secretários	— Sr.ª D. Maria Antónia de Oliveira Martins Mesquita
	— [redacted] – Fernando Jorge Belo da Silva

DIRECÇÃO

Presidente	— Dr. Carlos Ayala Vieira da Rocha
Vice-Presidente	— Gen. Tomás José Basto Machado
	— Brig. João de Deus Mendes Quintela
Secretário-Geral	— Dr. José de Magalhães Valle de Figueiredo
Vogais	— Arq. José Manuel de Castro Galhardo Soares Zilhão
	— Arq. Jorge Monteiro Varela Pinto
	— João António Pacheco Pereira Coutinho
	— Hélder Sobral da Silva Mendonça
	— Francisco Guilherme Fernandes Vaz Garcia dos Santos

CONSELHO FISCAL

Presidente	— Dr. José Luís Esteves da Fonseca
Vogal Relator	— Dr. António Miguel de Lacerda Homem de Melo
Secretário	— Alberto Augusto Martins dos Reis

CONSELHO SUPREMO

Sócios propostos à Assembleia Geral de 5 de Abril de 1984, pela Direcção Central (art.º 19.º dos Estatutos) por ordem alfabética:

1 — Prof. Doutor Adriano José Alves Moreira
2 — Armando de Aguiar
3 — Dr. Carlos Ayala Vieira da Rocha
4 — Coronel Carlos da Costa Gomes Bessa
5 — Eng.º Carlos Pinto Bastos de Morais
6 — Francisco José de Azevedo da Cunha Rosa
7 — General Francisco Mário da Costa Andrade
8 — General Frederico Alcide de Oliveira
9 — João Feliciano Marques Pereira
10 — Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão
11 — Prof. Doutor Jorge Borges de Macedo
12 — Dr. José Luís Esteves da Fonseca
13 — Embaixador Dr. José Tomás Calvet de Magalhães
14 — D. José Vaz de Almada
15 — Dr. Luís d'Avillez de Almeida Mello de Castro
16 — Eng.º Manuel Aboim Ascensão de Sande Lemos
17 — General Mário Firmino Miguel
18 — Prof. Doutor D. Pedro da Cunha Mendonça e Meneses
19 — D. Salvador Vaz de Almada
20 — General Tomás José Basto Machado

A título póstumo — Capitão de Mar e Guerra Vasco Martins Rodrigues